

## O HOMEM COMUM, A BIOGRAFIA E A HISTÓRIA NO JORNALISMO ESPORTIVO

Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG)

**RESUMO:** A partir de pequenos perfis biográficos de personagens do mundo esportivo, publicados pela imprensa brasileira, pretende-se discutir os sentidos das narrativas de vida de pessoas comuns para a reflexão sobre as fronteiras entre a literatura e a história. Com esse objetivo, serão mobilizadas referências teóricas sobre a narrativa e a biografia, colhidas tanto no campo da História quanto nos Estudos Literários. No trabalho de historiadores como Hayden White e Sabina Loriga, buscaremos a percepção do caráter narrativo do discurso histórico e das diferentes formas de articular experiência individual e experiência coletiva, projetadas em ideias como as do “homem partícula”, do “homem problemático”, da “biografia modal” e da “biografia coral”. Do campo literário, traremos ao debate o conceito de “ficção biográfica”, por meio do qual se coloca em questão a tradição heroica da biografia histórica e a dimensão ficcional de toda narrativa biográfica. No diálogo entre esses dois campos, evidencia-se o reconhecimento da narrativa como uma forma lacunar e local de saber, aliado à percepção de que o real só se deixa tocar pelo recurso à ficção.

**Palavras-chave:** Biografia. Homem comum. Ficção.

Desde as primeiras décadas do século XX até os dias atuais, a escrita biográfica sempre teve um papel importante na formação da cultura esportiva brasileira, ocupando espaços significativos na imprensa jornalística e originando um grande número de publicações. É claro, foram os grandes heróis esportivos que receberam maior atenção. Mas nem por isso a imagem do homem comum esteve totalmente ausente. Mesmo nas biografias dos grandes ídolos, grande parte do interesse se volta para sua intimidade, suas raízes humildes, seus percalços domésticos, suas aventuras amorosas etc.

Duas matérias publicadas pelo jornal *O Globo*, em 1931, dão um pouco a dimensão e o sentido da biografia na formação da cultura futebolística brasileira. A primeira é uma entrevista com Leônidas, publicada em 17 de setembro daquele ano, quando o jogador ainda estava em início de carreira. O título é “Leônidas conta a sua vida nas canchas de football” e, no texto de abertura, se diz o seguinte:

A vida do *crack* é sempre interessante para o público, ainda que não ofereça lances de sensação, ainda que se tenha desenvolvido

normalmente (...) sem uma nota fulgurante e original. A vida de Leônidas não tem, é forçoso confessar, nenhum episódio empolgante, nenhuma raridade. Mas, basta para se tornar atraente, cativante, o simples fato de ser a vida de um *crack* que marcou o *goal* da vitória na partida com os paulistas.

Ou seja: por definição, e mais ainda no caso do futebol brasileiro, a vida do herói esportivo é a vida do homem comum, pois é uma vida dúplice, que se desenrola em dois campos, dentro e fora das canchas. Sua biografia interessa pelo simples fato de que ele é o craque, e dentro das canchas realiza grandes façanhas, enchendo de emoção a vida de seu público. Mas interessa também porque, fora das canchas, ele é um homem de vida comum, identificada à das pessoas que vibram com ele e nele projetam seus sonhos e aspirações.

A segunda matéria foi publicada por *O Globo* em 17 de junho de 1931 e é um pequeno relato, supostamente autobiográfico, do hoje desconhecido Jaguarão, que naquela época atuava pelo Bangu. Sob o título “Eu sou Jaguarão, o preto que tem *shoot* de branco”, a narrativa começa assim:

Se um romancista conhecesse a minha vida, escreveria um romance de aventuras. E para pano de amostra – uma amostrazinha só – eu vou contar como dei com os ossos na cidade de São Sebastião e como acabei sendo o perigo negro de Bangu.

Depois de contar suas peripécias em busca de sucesso nos clubes do Rio, num tom rocambolesco, típico dos romances de folhetim, o jogador-narrador arremata: “E foi assim que eu, Cyrillo Campelo, o Jaguarão, negro com *shoot* de branco, tocador de gaita, me tornei o perigo escuro do Bangu. Conteí um pedaço de minha vida. Avaliem o que eu não contei.”

É bom lembrar que a seção esportiva d’*O Globo*, naquela época, era comandada por Mário Filho, e que junto com ele trabalhava seu irmão mais novo, um garoto de 18 ou 19 anos chamado Nelson Rodrigues. Assim, é difícil supor que nas palavras de Jaguarão não haja um toque dos irmãos, que ficaram famosos por tirar do futebol tudo que ele tem de trágico, de cômico e de pitoresco. A matéria sobre Jaguarão é uma verdadeira aula sobre a escrita biográfica, mostrando em poucas linhas todo o arsenal de

artifícios do biógrafo: as técnicas narrativas do romance no manejo do tempo, do ponto de vista e da construção de personagens; a escolha de personagens humildes e identificados com o novo público do futebol; o herói malandro, aos moldes de Pedro Malasartes e Macunaíma, que já estava se tornando o protótipo do brasileiro.

Está aí, portanto, todo um conjunto de questões para pensarmos. Em primeiro plano, a dimensão ficcional da biografia e os sentidos, possibilidades e motivos de interesse pela vida do homem comum. Como pano de fundo, a ficção, não apenas na biografia, mas em todo relato sobre o passado; o estatuto de saber da narrativa; as fronteiras e interfaces entre a literatura e a história.

Em primeiro lugar, quero pensar um pouco sobre a ficção na biografia e em outras formas de representação do passado, como a historiografia, o jornalismo e o memorialismo. Nos estudos sobre a biografia, essa dimensão ficcional foi bem explorada, sobretudo suas ligações com o romance, que compartilha com ela as relações com o individualismo burguês e a construção do sujeito na modernidade. Nas ciências sociais, podemos lembrar, por exemplo, o famoso ensaio em que Pierre Bourdieu (2006) chama de “ilusão biográfica” a pressuposição de que a vida é uma história, com início, meio e fim, criando-se assim uma falsa impressão de coerência, unidade e finalidade. Mas, para sublinhar a abrangência do debate, podemos formular essa mesma ideia a partir de algumas referências sobre a ficção literária e o discurso histórico.

A primeira delas é a teoria da ficção do alemão Wolfgang Iser, segundo a qual a ficção não é o contrário da realidade, mas uma operação de mediação e transgressão de limites entre o real e o imaginário. No ensaio “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”, o autor mostra que seleção e combinação de elementos da realidade (incluindo aí o próprio mundo dos textos) são “atos de fingir” que não são exclusivos do texto que se dá a ler como ficção, cabendo apenas ao “desnudamento da própria ficcionalidade”, e ao contrato de leitura que ele aciona, o caráter distintivo da ficção literária. Nos textos que não se dão a ler como ficcionais, a ficção “dissimula seu próprio estatuto” e “se oferece como aparência de realidade” (ISER, 2002, 970).

A essa afirmação da presença da ficção em textos não ficcionais, podemos ligar as reflexões do historiador norte-americano Hayden White sobre a ficcionalidade nas

narrativas históricas. No ensaio “O texto histórico como artefato literário”, por exemplo, White (1994) mostra que, como um narrador, o historiador tem que selecionar e combinar elementos da realidade (os documentos e vestígios do passado), preencher suas lacunas e produzir uma narrativa que atribua coerência e sentido a esse material inicialmente fragmentário. Para isso, ele utiliza as formas de narrar e modos de urdidura narrativa considerados válidos em sua cultura, desenvolvidos e experimentados antes pela ficção literária. Assim, o autor conclui que a ficção é uma mediação necessária para a própria constituição do conhecimento sobre o passado.

O mesmo raciocínio parece-me claramente válido também para outras formas de representação da experiência humana, como o jornalismo, o memorialismo e a biografia. Para voltar ao tema central deste simpósio, então, recorro a mais duas referências do campo histórico, agora sobre as relações entre a biografia do homem comum e os objetivos da História, como forma de conhecimento e reflexão sobre o passado.

A primeira delas é o ensaio “Usos da biografia”, do italiano Giovanni Levi (2006). Refletindo sobre a revalorização da biografia nos estudos históricos, Levi esboça uma tipologia, por meio da qual procura descrever as diferentes abordagens de que ela tem sido objeto nesse campo. Teríamos, então, a “biografia modal”, em que o indivíduo aparece como representante de um grupo e ilustração de normas e estruturas sociais; a biografia contextual, em que as trajetórias individuais são narradas, preenchidas e explicadas a partir de um pano de fundo histórico; as biografias de casos extremos, que exploram as margens dos contextos e das normas sociais; e a abordagem hermenêutica, refratária às interpretações unívocas das trajetórias individuais.

Reconhecendo o caráter não exaustivo da tipologia, o historiador considera que nenhuma dessas categorias capta com precisão as incoerências entre as normas e as diferentes motivações que orientam as escolhas individuais. Seria nesse sentido, então, que a biografia histórica deveria caminhar, de modo a permitir um exame mais acurado das contradições entre os sistemas normativos e do fato de que a liberdade individual opera nas lacunas e contradições entre as normas.

Sentido semelhante tem o ensaio “A biografia como problema”, da francesa Sabina Loriga (1998). Buscando uma “função heurística” dos relatos biográficos, ela se volta para o passado do gênero e identifica nele alguns “projetos fortes”, por meio dos quais a biografia serviu para a formulação de problemas do campo histórico. Alguns deles interessam menos ao nosso debate, por não colocarem em foco o homem comum. Na biografia heroica de Thomas Carlyle, por exemplo, só interessa o grande homem, que enfrenta e transcende o princípio da necessidade e atua como motor dos processos de transformação histórica. Contrastando com a biografia heroica, teríamos a “biografia providencial”, ligada à Filosofia da História do século XIX, na qual os indivíduos são meros instrumentos de uma razão supra-pessoal, que comanda o desenvolvimento da história.

Interessam mais diretamente à nossa discussão os outros projetos biográficos identificados por Loriga. A biografia do “homem patológico”, de Jacob Burckhardt, questiona as caracterizações excessivamente metafóricas do mundo e interessa-se pelo homem comum, buscando nas suas histórias os sofrimentos, as contradições e os paradoxos da vida humana. A biografia do “homem partícula”, de Hyppolyte Taine, por sua vez, vê o historiador como um biólogo, que não está em busca de heróis ou abstrações generalizantes, mas do indivíduo particular e concreto, na sua condição de fragmento e indício da ausência de um sentido unitário da vida humana. Após a descrição desses projetos biográficos, a historiadora conclui que a crise do heroísmo leva a uma aposta no homem comum e propõe uma “biografia coral”, que não foque nem no herói nem no indivíduo típico, mas seja capaz de romper o excesso de coerência do discurso histórico, aceitar as incertezas e captar a multiplicidade da experiência humana.

Pensando na dimensão narrativa e ficcional da biografia, podemos imaginar que essas categorias correspondem a formas de urdidura narrativa e modos de narrar histórias de vida de homens comuns, a ficções que articulam modos específicos de conferir sentido a essas vidas. Nelas, o homem comum aparece sem rosto e sem papel no drama histórico; como reflexo do contexto; como exemplo de processos históricos e destinos coletivos; como partícula irredutível ao todo; para finalmente se colocar como

possibilidade de captar as incoerências e contradições do passado e de romper o caráter generalizante do discurso histórico. Em síntese, a biografia do homem comum nos lembra que qualquer narrativa é um saber lacunar, parcial e incompleto, inseparável de um ponto de vista e de um certo teor ficcional.

Dessa forma, a discussão dos historiadores se aproxima das reflexões contemporâneas dos Estudos Literários sobre os textos do campo biográfico. Penso, particularmente, naqueles textos que problematizam explicitamente a biografia, como as chamadas “bioficções” ou “ficções biográficas”. Definidas por Anne-Marie Monluçon e Agathe Salha (2007) a partir do modelo das *Vidas imaginárias*, de Marcel Schwob, as ficções biográficas seriam biografias imaginárias de pessoas reais; narrativas sobre a vida de homens obscuros e pessoas pequenas, que se colocam estrategicamente entre a referência e a invenção. Como uma “escritura segunda”, esses textos parodiam e invertem o modelo das biografias de homens ilustres, para questionar os limites e paradoxos do saber biográfico, afirmando em contrapartida os poderes heurísticos da literatura.

Voltando ao futebol, gostaria de finalizar este trabalho falando um pouco de um desses personagens, mais ou menos lembrados, mais ou menos esquecidos, do nosso passado esportivo. Trata-se de Guará, um atacante do Atlético nos anos 1930. Se ele não foi estritamente um “homem comum”, já que teve um início bem sucedido de carreira e despontou para o estrelato, também não foi propriamente um herói, pois teve sua carreira dramaticamente interrompida por um violento choque de cabeça com o zagueiro Caieira, num jogo contra o Palestra Itália, em 1939. O acidente com Guará provocou comoção no público e atraiu grande interesse jornalístico, gerando um grande número de matérias nos periódicos da época e até mesmo numa curiosa biografia, de Antônio Tibúrcio Henriques, intitulada *Cabeçada fatal*. Um ligeiro passeio por alguns desses textos pode nos ajudar a recuperar, no campo do jornalismo esportivo, essas reflexões sobre a biografia do homem comum.

O primeiro deles é uma matéria publicada pela revista *Alterosa*, em 01 de agosto de 1939, pouco tempo depois do acidente com o jogador. Intitulada “Um domingo com Guará”, a matéria traz uma fotolegenda que mostra Guará em seu cotidiano familiar, no

período em que se preparava para as primeiras tentativas de retomar sua condição de herói esportivo. Contrastando com a fotolegenda, o texto descreve as qualidades e proezas incríveis realizadas pelo craque dentro de campo: “Corpo e alma empenhados na vitória de sua gente, (...) leva, nas pernas, a velocidade elétrica do raio, e, no bico da chuteira, a miraculosa pontaria de Guilherme Tell.” O acidente com Caieira é evocado de forma dramática, acenando para a tragédia que já se anunciava: “O Destino, vingativo e cruel, teve inveja de sua sorte, porque ele era rei, e um povo lhe dera um trono.” E a conclusão, em tom esperançoso, não esconde sua inspiração nas histórias de cavalaria e nos contos de fadas: “E as multidões, que querem aplaudir, esperam, agora, a sua volta, para ovacioná-lo com mais entusiasmo, mais calor, mais vibração, e reconduzir ao trono o rei louro, que venceu o invencível Dragão.”

Podemos ver, claramente, que a reportagem constrói imagem do ídolo esportivo pelo contraste entre o homem comum de hábitos interioranos e o herói de façanhas extraordinárias dentro do campo. Mas ela foi feita num momento em que a história de Guará ainda não tinha se resolvido. Depois de diversos e melancólicos fracassos, ele desistiu do futebol e acabou virando um modesto vendedor de loterias.

Numa curiosa matéria assinada por Cláudio Tavares, publicada pelo *Diário Esportivo*, em 2 de agosto de 1945, sob o título “O romance de Guará”, o tom trágico já está presente, ressaltando o abandono em que se encontrava o ex-jogador: “Aquele mesmo Guará, que não podia dar um passo sem receber um abraço de um atleticano, estava agora com o bilhete de loteria na mão.” Mas sua trajetória representa também a de outros atletas que terminaram suas carreiras na indignação: “Não se lembram do triste fim de Fausto, o ‘Maravilha Negra’, hoje sepultado (...) no anonimato de uma sepultura rasa do cemitério de Santos Dumont?” Conclui então o jornalista pela necessidade de criação de “uma caixa de assistência para os profissionais inabilitados”, de modo que sejam evitadas “as dificuldades tão comuns aos lares dos ‘players’ imprevidentes”. Ou seja, a tragédia pessoal do jogador é transformada em destino coletivo e daí problematizada como sintoma de um problema social mais amplo.

Já na biografia de Antônio Tibúrcio Henriques, a narrativa assume novamente o modo trágico, destacando o drama patético da decadência de Guará. O texto é muito

interessante, demonstrando plena consciência de seu próprio caráter ficcional. Falar dele demandaria um tempo que não temos agora. Por ora, basta lembrar que o prefácio é de ninguém menos que Ari Barroso, que como Guará era natural da cidade de Ubá, e dele vem a frase que até hoje é a marca da biografia do jogador: “A fama teve inveja de Guará, e condenou-o”.

Podemos ver, então, nas narrativas sobre a história de Guará, a história de tantos outros craques que não chegaram ao estrelato. A história de como o destino (vale dizer, as circunstâncias sociais, culturais e pessoais) ceifa carreiras, trajetórias e futuros possíveis de crianças e jovens que sonham com o futebol. Como uma tragédia, ela ajuda a questionar e relativizar um pouco as grandes narrativas épicas de sucesso e heroísmo que compõem o imaginário e a cultura esportiva brasileira.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

HENRIQUES, Antônio Tibúrcio. *Cabeçada fatal*. Belo Horizonte, 1968.

ISER, Wolfgang. Atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. Trad. Heidrun Krieger Olinto e Luiz Costa Lima In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. v. 2. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 955-987.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 167-182.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998, p. 225-249.

MONLUÇON, Anne-Marie e SALHA, Agathe. Introduction. Fictions biographiques XIX<sup>e</sup>-XXI<sup>e</sup> siècles: un jeu sérieux? In: MONLUÇON, Anne-Marie e SALHA, Agathe (Orgs.). *Fictions biographiques: XIX<sup>e</sup>-XXI<sup>e</sup> siècles*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2007, p. 7-32.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 97-116.